



CINCO ERROS NA ESCRITA DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA
FIVE MISTAKES IN BRAZILIAN SCIENTIFIC FICTION WRITING

Rubens Angelo de Paiva Ribeiro¹

Recebido em: 4 jun. 2021

Aceito em: 12 ago. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i2.38205

RESUMO: Uma matéria escrita por Luiz Bras no jornal Rascunho nº 115, de novembro de 2009, reuniu três escritores de ficção científica brasileira que mapearam alguns dos erros mais comuns aos escritores *mainstream* que se aventuram no gênero. O presente artigo traz uma expansão dessa lista de erros, adicionando mais autores para que respondam a pergunta: Quais são os cinco erros mais comuns que os escritores cometem ao escrever ficção científica brasileira? Para essa nova lista houve uma mudança fundamental: os erros referem-se a qualquer escritor de ficção científica, não apenas aos do *mainstream* que “se aventuram” no gênero. A partir da compilação, propõe-se um debate acerca das tensões internas existentes na criação desse gênero no Brasil, como a busca por uma identidade nacional.

Palavras-chave: Ficção científica brasileira. Escrita. Identidade. Autor.

ABSTRACT: An article written by Luiz Bras in the newspaper Rascunho nº 115, of November 2009, brought together three Brazilian science fiction writers who mapped some of the most common mistakes made by mainstream writers who venture into the genre. This article expands on this list of errors, adding more authors to answer the question: What are the five most common mistakes that writers make when writing brazilian science fiction? For this new list there was a fundamental change: the errors refer to any science fiction writer, not just those from the mainstream who “venture” into the genre. Based on the compilation, a debate is proposed about the internal tensions that exist in the creation of this genre in Brazil, such as the search for a national identity.

Keywords: Brazilian science fiction. Writing. Identity. Author.

INTRODUÇÃO

Nelson Luiz Garcia de Oliveira, também conhecido como Luiz Bras, um pseudônimo que adotou em 2012, é autor e pesquisador da ficção científica brasileira. Doutor em Letras pela

¹ Graduado em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Direito pelo Centro Universitário UDF. Especializado em Arte, Educação e Tecnologias contemporâneas pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduando em Escrita criativa pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (Unitalo). Mestrando em Mídias Criativas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rubensangelo@yahoo.com.br



Universidade de São Paulo (USP), publicou dezenas de livros, além de organizar antologias de contos, a maioria no gênero da ficção científica. Luiz Bras reuniu, em 2009, alguns escritores brasileiros para juntos pensarem sobre essa criação literária. O artigo² foi publicado no jornal *Rascunho* nº 115, edição de novembro daquele ano. Como ponto de partida, Bras pediu para que os autores mapeassem os erros mais comuns aos escritores que se aventuram no gênero da ficção científica. As observações, em princípio, destinavam-se a escritores do *mainstream* que criavam ficção científica e muitas vezes cometiam erros ingênuos. Mas os erros apontados são muito instrutivos também para os demais escritores, habituados ou amadores nesse gênero, no tocante ao aperfeiçoamento de seus textos.

A premissa de Luiz Bras não poderia ser mais instigante: a criação de um discurso dialético partindo das contradições em volta do tema, assemelhando-se ao exercício de pensamento que os filósofos gregos faziam, numa tentativa de encontrar o caminho das ideias e entendimentos.

As contradições e as discussões, estão no coração do diálogo. Como explica o filósofo Leandro Konder, "a dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão" (KONDER, 2008, p. 4).

O propósito do presente artigo foi o de aumentar a lista de autores, para que estes apontassem também cinco erros, em uma opinião que implica, inevitavelmente, um julgamento sobre a escrita da ficção científica. De imediato, uma questão se impôs para muitos dos autores convidados: apontar erros pode ser interpretado como algo negativo e portanto gerador de animosidade. Apesar dessa preocupação legítima, se faz necessário lembrar a importância do contraditório, não apenas como base do discurso dialético, mas também como um valioso sinalizador das preocupações e ansiedades que envolvem a literatura de ficção científica brasileira, pelo olhar dos próprios criadores. É esse o espírito desta pequena investigação, apresentar este contradizer, esses erros, em seu aspecto originário positivo: ao estar aberto à opinião contrária, torna-se possível encontrar caminhos de entendimento, tão importante para a busca de um "corpus literário"³ para a ficção científica do Brasil. Uma postura contrária à existência desse debate, nesse caso, o fechamento do diálogo, seria aceitar o dogmatismo.

² A versão digital do jornal *Rascunho* nº 115, página 14, pode ser acessada em <https://docplayer.com.br/68552087-O-que-deu-para-fazer-em-materia-de-historia-de-a-mor-trecho-de-romance-de-elvira-vigna-28-rascunho-o-jornal-de-literatura-do-brasil.html>

³ O termo aqui é usado em seu sentido amplo, para abranger tudo que se refere às obras literárias de ficção científica criadas no Brasil, o texto e suas implicações a partir da tríade: obra, autor e leitor. A busca de um corpus é



A dialética busca, não interpretar, mas refletir acerca da realidade. Por isso, em sua acepção moderna, a dialética "é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação" (KONDER, 2008, p. 4).

Assim, se pode afirmar que há uma necessidade fundamental de abertura do discurso ao contraditório, sem o qual não pode fundamentar-se como um discurso verdadeiramente racional. Os gregos já compreendiam que o reprimido ou negado permanece dentro da totalidade e por isso o contraditório é um elemento incontornável ao caminho das ideias. Sem enxergar as contradições é impossível conhecer o todo.

Caminhos para interpretação

Esta coleção de juízos manifestados nos "cinco erros", ao invés de coligar um pretensão manual ou guia, tem o potencial de tornar-se algo mais interessante: servir de fresta para se observar as tensões internas que operam no ainda difuso "corpus literário" da ficção científica criada no Brasil. Esse mosaico de visões, mais um recorte que pesquisa, não pretende estabelecer um raio x desse gênero literário fantástico, mas sim ampliar os diálogos de reflexão, tão escassos nesse meio. Trata-se então, da exploração e da investigação racional de um tema, um debate em si mesmo enriquecedor, com potencial de abrir caminhos para encontrar sínteses futuras, que também devem ser examinadas, num processo contínuo pela busca do saber. A coleção dessas listas pode se tornar uma bússola, indicando temas relevantes de estudo. Por exemplo: um problema apontado com recorrência pelos participantes da pesquisa, a falta de pesquisa para escrever, revela uma genuína preocupação com a qualidade geral do texto que, no caso da ficção científica, guarda estreitas relações com o mundo real das Ciências. Para além das convergências sobre problemas técnicos da escrita, as listas dos "cinco erros" também ajudam a revelar algumas das controvérsias existentes dentro desse meio literário, fato que é por si só instigante e merecedor de mais investigações. O professor André Lemos, pesquisador da UFBA e um estudioso da cibercultura, em seu livro *A comunicação das coisas* (2013), explica que as controvérsias têm a capacidade de tornar visíveis os movimentos associativos formadores das expressões sociais. Corroborando a ideia de que as contradições podem ser

importante para delimitar o estudo, no caso o de um gênero literário, levando em conta o espaço, à época, os costumes e etc.



“janelas para o entendimento”, Lemos afirma que “é pelas controvérsias que vemos o social em sua tensão formadora” (LEMOS, 2013, p. 55).

As múltiplas visões sobre a escrita da ficção científica brasileira, inclusive as antagônicas, devem ser encaradas como saudáveis e até mesmo inevitáveis, ao se considerar o desenvolvimento da cultura brasileira e sua identidade. É inegável a complexidade e a multiplicidade étnico-cultural que deu forma à sociedade que povoa o Brasil, com seu território igualmente complexo e vasto.

A busca de um “corpus literário” é fundamental para o debate de identidade, a fim de se enxergar os contornos do que se chama de ficção científica brasileira. O diálogo dos “cinco erros” proporciona um recorte limitado — como um retrato “3 X 4”—, mas sua pequena extensão é compensada pela diversidade de suas vozes, a fim de coligir uma visão mais representativa e próxima do real. Como salienta o pesquisador Tommaso Venturini, do *Institut d'Études Politiques de Paris (Sciences Po)*, a quantidade de informações é menos interessante que a variedade, na metodologia de análise de um fenômeno social. Venturini (2012), idealizador do sistema de investigação denominado *cartografia das controvérsias*, defende uma atenção especial aos movimentos contraditórios, assim como a necessidade de se observar os fenômenos da sociedade a partir do maior número possível de pontos de vistas diferentes.

Outro aspecto importante que emerge do diálogo dos “cinco erros” é o fato dele referir-se à realidade em um certo momento do tempo. A temporalidade torna-se portanto, um fator a ser considerado. Uma proposta para se enriquecer esse pequeno recorte é analisá-lo em um tempo não estanque e no contexto em que ele mais interessa, ou seja, o Brasil. A partir dessa ideia, a explicação sobre “de onde nós viemos” - nós os brasileiros - também se faz necessária, para se entender, primeiro, “quem nós somos” e, depois, “quem poderemos vir a ser”. Por essa razão, o diálogo dos “cinco erros” ganhará uma dimensão mais relevante se for observado no contexto singular e temporal da realidade brasileira.

A brasilianista M. Elizabeth Ginway, da *University of Florida* em Gainesville, nos Estados Unidos, é considerada uma autoridade mundial na ficção científica e fantasia do Brasil. À primeira vista, é natural estranhar que uma norte-americana possa conhecer a fundo a realidade literária brasileira, mas o fato inegável é que esse olhar estrangeiro permite uma distância do objeto de estudo que é muito saudável, senão estratégica. A pesquisa de Ginway é extensa e profunda, iniciada em 1997 e persistente até os dias atuais. Os apontamentos da autora dizem algo para além da ficção científica, pois versam também sobre como os receios e esperanças dos brasileiros se comparam aos de outros povos, e como esses outros veem o Brasil.



É exatamente por estar numa posição única de observação que o trabalho de Ginway (2005) é capaz de fornecer um expressivo jogo de espelhos, revelando nuances sobre a ficção científica brasileira que dificilmente se fariam perceber a um pesquisador brasileiro.

Ginway estudou o desenvolvimento da literatura de ficção científica na América Latina e, em especial, no Brasil. Em seu livro *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (2005), a autora, ao analisar como esse gênero se consolidou no imaginário dos EUA e Brasil, concluiu que os processos de incorporação e aceitação desse tipo de literatura foram bem distintos em cada país, resultando portanto, em abordagens e pontos de vista próprios. A pesquisadora destaca, por exemplo, que as narrativas norte-americanas apresentam uma tendência para a valorização do cientista “como um agente do progresso social e de estabilidade econômica” (GINWAY, 2005, p. 38); ao passo que “para os brasileiros, ciência e tecnologia parecem se somar aos problemas políticos e econômicos, ao invés de resolvê-los” (GINWAY, 2005, p. 39).

Esse olhar distinto sobre as implicações da ciência e da tecnologia na sociedade, pode ser um excelente caminho para uma melhor compreensão da ficção científica brasileira. Comparemos as opiniões do brasileiro Bráulio Tavares e do norte-americano Isaac Asimov – dois célebres autores desse gênero – acerca do conhecimento científico dentro do texto literário, assim como sua importância para definir uma narrativa de ficção científica:

A ciência parece ser uma fonte de inspiração; mas não encontramos – a não ser na maioria dos casos – a presença de racionalizações científicas convincentes. O autor de FC⁴ sente-se à vontade para imaginar os fenômenos mais extravagantes, “teorizar” sua existência em duas ou três frases e estamos conversados. Grande parte da FC está mais voltada para a magia do que para a ciência: todo o aspecto tecnológico que a reveste não consegue disfarçar o caráter não-científico da maioria das suas visões... Neste tipo de história a ciência é um mero pretexto: é de fantasia que se trata (TAVARES, 1986, p. 08).

Escrever uma boa ficção científica pressupõe um certo conhecimento de ciência da parte de quem faz. Sem esse conhecimento, o resultado que se obtém é má ficção científica. O leitor não me interprete mal. A coisa poderá ser boa fantasia, bom filme de horror ou de ocultismo. E até mesmo boa ficção em geral, mas há de ser má ficção científica. Existe uma saída. Não se dê o nome de ficção científica àquilo que se escreve. Chame-se a coisa de fantasia, obra de horror ou ocultismo. Mas se a pessoa quiser situar a história no futuro, empregue roupagens futuristas e situações também futuristas. Essa é a essência da verdadeira ficção científica. Assim, que poderá fazer a pessoa se não quiser envolver-se com a maçada de ter que entender de ciência? (ASIMOV, 1984, p. 376)

⁴ FC é a abreviação de Ficção Científica, sigla muito usada entre autores.



O embate óbvio entre as visões desses dois grandes autores não deve ser interpretado como um entrave lógico, ou uma espécie de anulação mútua. À luz de seus contextos socioculturais tão díspares, não é de se espantar que os autores expressem preocupações diferentes para postular um certo "modelo" de ficção científica. Considerando os EUA um país que é reconhecidamente criador e fornecedor de tecnologias, o discurso de Asimov reflete, em certa medida, a profunda conexão que existe entre o empreendedorismo científico norte-americano e seu imaginário popular. Já no Brasil, um país historicamente consumidor de tecnologias, a ciência não tem o mesmo apelo popular. Tradicionalmente, é necessário frisar, a ciência brasileira – e suas tecnologias – desenvolveu-se apartada da sociedade, ficou restrita à uma pequena elite intelectual. O pensamento de Bráulio Tavares mostra uma preocupação de cunho filosófico, acerca dos impactos de se usar ou de se estar à mercê das tecnologias. Seu discurso revela também, em uma acepção mais ampla, o distanciamento dos brasileiros comuns da realidade fabril e criadora de tecnologias, muito comum aos norte-americanos.

Mais uma vez, de modo acertado, a pesquisadora M. Elizabeth Ginway (2005) aponta que a forma como as tecnologias foram, ao longo do tempo, incorporadas no cotidiano brasileiro permite um exame revelador da produção da ficção científica no país. A autora sugere que esse tipo de produção literária se transforma e amadurece conforme os avanços científicos são incorporados ao cotidiano: a ficção científica se comporta como um "barômetro da modernização" do Brasil. Por essa razão, sua pesquisa minuciosa compara o antes, durante e o depois da ditadura militar – momento de repressão cultural, mas também de forte industrialização. Ginway (2005) explica que as ansiedades sobre os processos de modernização são universais, até porque a modernidade, em muitos casos, suplanta tradições e identidades. É exatamente por isso que o choque cultural, a ansiedade e o temor de perder as próprias qualidades tornaram-se as preocupações norteadoras dos brasileiros frente às tecnologias importadas. De certo modo, o medo em relação à própria identidade marcou a cultura brasileira desde sempre.

A partir de uma análise da iconografia da ficção científica proposta por Gary K. Wolfe⁵, Ginway (2005) procurou, na literatura brasileira, os símbolos de representação de humanidade (robô e alienígena) e da paisagem (a cidade, a terra devastada e a nave espacial). Sua ideia era investigar como as narrativas brasileiras diferenciavam-se dos modelos anglo-americanos e

⁵ WOLFE, Gary K. *The known and the Unknown: The iconography of Science Fiction*. Kent State University Press (1979).



quais os caminhos que seguia para tentar consolidar uma identidade nacional. O trabalho da pesquisadora não teve por objetivo apresentar uma pretensa "face" da ficção científica brasileira – talvez seja algo impossível de se estabelecer objetivamente – mas sim o de trazer à tona elementos para se entender as forças geradoras e modeladoras dessa literatura, assim como as suas diferenças com outros países. Ginway (2005) encontrou, dentre estes elementos geradores, alguns mitos de identidade brasileira que são recorrentes na ficção científica feita aqui: o mito da terra verde e fértil, o mito da grandeza do território e destino brasileiros, o mito da democracia racial e do povo pacífico. Esses são apenas alguns dos arquétipos encontrados pela pesquisadora, mas revelam muito sobre a nossa produção literária.

A proposição da análise mitológica como instrumento para se entender a produção literária é fascinante. A abordagem de Ginway (2005) consegue identificar, não apenas os movimentos históricos e temáticos, mas aponta um caminho para enxergar o que seria a “brasilidade” da nossa ficção científica. Sobre as etnias no Brasil, por exemplo, o mito “das três raças” (indígenas, africanos e europeus) se faz presente no universo literário e é um importante componente do sentimento de identidade nacional. Mas ao mesmo tempo que o Brasil “imaginado” abraça esse mito da mistura étnica, sua realidade social é marcada por profundas divisões de classe e raça. Mesmo que aparentemente não exista uma articulação explícita sobre uma “brasilidade”, ou um compromisso com o debate dos problemas sociais, os autores — imersos na realidade brasileira — inevitavelmente continuam a empregar a ficção científica para expressar suas dúvidas sobre o progresso ou o horror diante das mazelas à sua volta. O mais provável, portanto, é que o escritor brasileiro está sempre a falar, de modo inescapável, sobre o Brasil que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compilação das listas dos “cinco erros”, com a participação de relevantes autores e autoras de ficção científica, pode representar o início de um relevante, e necessário, diálogo sobre as preocupações e temas que envolvem a consolidação desse gênero literário no Brasil. As opiniões, além de apresentarem importantes convergências - como as reiteradas menções de que a falta de leitura e pesquisa afetam a qualidade do texto - mostram também divergências de opinião entre autores, revelando um tensionamento interno da produção nacional. As controvérsias, em uma perspectiva positiva, têm a capacidade de tornar visíveis os movimentos associativos que atuam na formação de um “corpus literário”, tão necessário para se “enxergar”



o que é a ficção científica brasileira. Sob essa perspectiva, o diálogo dos “cinco erros” adquire relevância quando analisado em um contexto de formação de identidade nacional, admitindo também suas conexões com o passado. O tempo deve ser visto em sua simultaneidade, compreendendo que passado, presente e futuro não são distantes. “É uma pretensão da modernidade pensar que o presente rompe com mitos e outros elementos não-rationais do passado” (LEMOS, 2013, p. 59). A ficção científica brasileira encontra-se em uma contínua construção, acompanhando movimentos históricos e temáticos, e incorpora as tensões sociais de cada geração. A preocupação dos autores dos “cinco erros” por uma “brasilidade” revela o desejo natural de identificação cultural, uma busca que transcende o tempo e estende-se a todos os pioneiros e pioneiras que desbravaram o gênero no passado. Esse esforço de criação de uma identidade ganha relevo nos mitos recorrentes encontrados na ficção científica que se faz no Brasil.

A compilação das listas

O convite aos autores e autoras, assim como a coleta das respostas ocorreu entre 7 e 26 de maio de 2021. Como se poderá constatar, a abordagem e o direcionamento dos erros apontados é bem variada. Alguns autores mostraram-se preocupados com uma mensagem mais abrangente, ou seja, para todos os escritores de ficção científica, outros direcionaram seus alertas aos escritores amadores nesse gênero. As respostas de cada convidado foram mantidas em sua íntegra e o aspecto informal dos textos foi respeitado.

Afinal, quais são os cinco erros mais comuns que os escritores cometem ao escrever ficção científica? Eis as respostas dos convidados⁶:

Alexey Dodsworth: brasileiro, escritor e roteirista de histórias em quadrinhos de ficção científica e fantasia, doutor em Filosofia e acadêmico dedicado a pesquisas sobre futurismo e transumanismo. Autor de romances como *Dezoito de Escorpião* e *O Esplendor* (ambos vencedores do prêmio Argos); e também de inúmeros contos, participando de livros importantes

⁶ Os autores e autoras foram selecionados tendo em vista o alcance dos seus livros (quantidade, publicações em editoras tradicionais e etc.) ou o impacto de suas obras para o debate da ficção científica em língua portuguesa (repercussão no *fandom*, redes sociais e etc.). É uma amostragem pequena, por isso imperfeita, e não contempla toda a diversidade de nossos criadores. Meu desejo é que mais opiniões sejam incluídas no futuro, em um processo contínuo de elaboração. Pelo espírito de amplo debate, é importante mencionar que foram incluídos também três autores de Portugal, uma vez que as produções literárias entre os dois países se entrecruzam e refletem afinidades e preocupações esclarecedoras.



como a Coletânea *Cyberpunk*. Os cinco erros mais comuns dos escritores de ficção científica, segundo Dodsworth:

1. Pensar que ficção científica significa escrever um tratado repleto de explicações técnicas. Mesmo que o objetivo do autor seja escrever hard sci fi, subgênero que se pretende cientificamente correto, não é aconselhável entrar em detalhamentos excessivos. O leitor quer entretenimento, não uma apostila de física quântica. E mesmo que o leitor tenha imenso interesse no assunto, ele não precisa de uma aula sobre o que provavelmente já conhece. Subestimar a inteligência do leitor, oferecendo uma palestra científica, é o caminho certo para que ele feche o livro e vá fazer outra coisa. Explicações técnicas precisam estar justificadas pelo momento, e devem considerar que o leitor é perfeitamente capaz de entender o que você quer dizer, sem que você precise pegá-lo pela mão e guiá-lo.

2. Sucumbir ao complexo de vira-latas e produzir uma ficção ambientada em países onde nunca esteve. Se você jamais pôs os pés em Nova Iorque, acredite: não é apenas pesquisando sobre a cidade que tornará sua obra minimamente verossímil. Se a nave espacial precisa pousar em algum lugar, por que tem que ser em Londres? A não ser que haja uma justificativa bastante razoável para isso, prefira que a nave pouse numa cidade que você conhece bem, de modo a criar uma narrativa capaz de suspender a descrença do leitor. Apesar de o complexo de vira-latas ser recorrente em qualquer gênero literário, levando autores brasileiros a batizarem seus personagens de Stephen e Lindsey e a desenvolverem suas narrativas em culturas que deveras desconhecem, é na ficção científica de primeira viagem que eu mais encontro esse peccadilho.

3. Querer produzir ficção científica sem ter lido as obras clássicas do gênero. Com o advento das redes sociais, as pessoas são instadas a escrever o tempo todo. As próprias redes apelam para isso: “o que você está pensando?”, “o que você está fazendo?”. O resultado disso é uma cultura que escreve sem cessar, mas lê menos. Cada vez mais, tenho conhecido aspirantes a autores que manifestam o desejo de escrever um grande sucesso literário, mas admitem ler pouco. Escreve bem quem lê bem.

4. Autores homens: acreditem, vocês pensam que conhecem as mulheres, mas isso não é verdade. A representação algo bizarra do sexo feminino parece ser mais recorrente em obras de ficção científica. Não, eu não estou sugerindo que você seja “politicamente correto”, mas que você tenha o interesse de pedir aos seus contatos do sexo feminino que leiam sua história antes que você publique algo repleto de clichês.



5. Se você se preocupa demais com os aspectos científicos de sua obra, corre o risco de produzir personagens “chapados”, bidimensionais. Ficção científica não é sobre canhões positrônicos ou sobre naves espaciais, é sobre a condição humana e nossas relações. O elemento disparador científico é só isso: um disparador. Se esmere nas camadas de personalidade de seus personagens. Crie contradições, dilemas, evoque o lado maligno do herói ou heroína, faça a maldade do vilão ou vilã ter algum sentido. O leitor não quer se apaixonar por sua apostila de engenharia espacial. Ele quer se apaixonar pelos personagens.

Carlos Orsi: escritor brasileiro de ficção científica e horror, jornalista especializado em divulgação científica. Graduado pela ECA-USP, atualmente é o editor-chefe da Revista Questão de Ciência. É autor de três romances: *Melissa, a Meretriz do Mal*, *Guerra Justa* e *Nômade*. Escreveu inúmeros contos como *No vácuo você pode ouvir o espaço gritar* e *Clitoridectomia* (ganhadores do prêmio Argos). Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Orsi:

1. Cegueira para “pontos fixos”: toda história de ficção científica que se passa no futuro ou em alguma realidade divergente da nossa, conta com “pontos fixos” que fazem o mundo a história semelhante ao nosso de alguma forma (esses pontos costumam ser sociais, biológicos, psicológicos). Isso é tanto inevitável quanto necessário. Mas existe uma diferença entre esses pontos serem escolhidos pelo autor – meu mundo terá famílias formadas predominantemente por casais heterossexuais monogâmicos, porque o enredo funciona melhor numa sociedade conservadora – e “passarem batido”, entrarem na história sem que o autor perceba, simplesmente por hábito. Pontos fixos “cegos” podem fazer a história parecer preguiçosa (ou, mesmo, causar dissonância no leitor).

2. Falta de atenção à especificidade da linguagem escrita: muita gente tem chegado à ficção especulativa por meio de outras mídias, como cinema, TV, quadrinhos. É um erro achar que um conto equivale à descrição em palavras do desenho animado que você tem cabeça. O texto é uma mídia, com regras e características específicas que precisam ser conhecidas antes que uma história narrada com palavras (e não com imagens, vozes, enquadramentos de câmera) possa funcionar.

3. Preocupação excessiva com convenções comerciais: hoje em dia parece que todo mundo fez curso de roteiro hollywoodiano – é um tal de escritor falar em “jornada do herói”, “estrutura de atos”, “arco de personagem”, como se fazer literatura fosse simplesmente ticar itens num *checklist*. Não é. Há grandes protagonistas da ficção nunca tiveram um “arco”:



Sherlock Holmes, Hercule Poirot e Susan Calvin não “evoluem” ao longo de cada conto, e nenhum deles jamais “relutou” antes de aceitar um desafio. Edgar Allan Poe jamais escreveu um “protagonista simpático com quem o leitor pode se identificar”. Estruturas rígidas de ficção comercial podem ser úteis em certos contextos, mas não devem ser vistas como camisas de força ou critério de qualidade.

4. Limitar-se à compreensão popular da ciência: muita ficção científica parte daquilo que a sociedade em que o autor vive entende sobre ciência – o que sai nas páginas das publicações populares, nos livros best-seller de cientistas-celebridade. Não há nada errado em usar a ciência popular como ponto de partida, desde que essa seja uma decisão consciente, e não ingênua; é importante ganhar uma compreensão mais aprofundada do campo que se pretende ficcionalizar.

5. Tratar a FC como um Lego: muitos autores chegam ao gênero com a impressão de que a ficção científica é uma caixa de brinquedos (a nave espacial, a máquina do tempo, a arminha de raios, o ET) a serem encaixados num número predeterminado de configurações. De novo, trata-se de uma abordagem válida, mas é importante que seja pensada e não adotada por incapacidade de se imaginar alternativas.

Davenir Viganon: criador do blog “Wilbur D.” e do canal “Diário de Anarres”. Escritor brasileiro de ficção científica e organizador do recente livro *Outros Brasis da ficção científica*, pela editora Caligo. Os cinco erros mais comuns dos escritores de ficção científica, segundo Viganon:

1. Desprezar o Brasil. Não há problema intrínseco em ambientar histórias com um *Steve* nos EUA, ao invés do *Estevão* no Brasil, mas a dissociação da FC com o Brasil é um erro muito fácil de cometer e as razões são muitas, que vão do *complexo de vira-latas* até a preguiça mesmo. *O Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira*, do Ivan Carlos Regina, bate bastante nesta tecla e é como uma bandeira que ainda precisa ser hasteada.

2. Dedicar muito espaço para informações sobre especificidades de um mundo ficcional, ou do tempo em inglês, *infodump*⁷. Isso acontece porque os autores não estão acostumados a explicar o mundo através da vida dos personagens. Se o mundo é uma distopia tecnológica, ela deve afetar o protagonista de alguma forma e queremos descobrir isso sentindo junto com o protagonista e não por um parágrafo informativo. Um conto com *infodump* é como conhecer

⁷ *Infodump* diz respeito a prática de dar muitas informações ao mesmo tempo, ou um texto escrito que apresente um enorme e nada esclarecedor despejo de informações, contendo detalhes complicados.



uma cidade através de um livro de viagem, que obviamente não explora o mundo pelos sentidos e dramas dos personagens.

3. Não gostar de ler. Isso é algo que vale para escritores de qualquer gênero literário, mas a FC é muito popular em outras áreas fora da literatura, como o cinema, sendo assim é um erro não desenvolver o gosto por livros em geral. Explorar outras formas de escrita e outros assuntos é essencial para qualquer escritor. Basta procurar as referências dos autores de FC, e notar que eles são leitores de diversos assuntos. Sendo assim, um escritor que não seja um leitor (minimamente ávido por leitura) é praticamente impossível produzir algo realmente bom.

4. Esquecer que a literatura de Ficção Científica é, antes de tudo, arte. O rigor com os conceitos científicos é algo muito cobrado pelos leitores deste nicho que tanto amamos, mas esse conhecimento é necessário justamente para sabermos a hora de subvertê-los. Nisso tudo, não se pode descolar a FC da arte, isso nos impede de aspirar outras formas de arte para enriquecer nossa literatura. Abraçar os clichês para saber usá-los melhor, procurar técnicas de escrita que nos ajudem a expressar o que sentimos. São coisas que não podem faltar para um escritor de FC.

5. Vou dever um quinto, pois acredito que os outros erros que posso citar são derivados dos outros que já mencionei ou muito específicos.

Gabriele Diniz: escritora cearense (utiliza o pseudônimo G.G. Diniz), tem 24 anos e escreve horror, fantasia e ficção científica, não necessariamente nessa ordem. Gabriele, em companhia dos também escritores Alan de Sá e Alec Silva, conceberam o *sertãopunk*, um movimento artístico que parte do princípio de que os nove estados nordestinos, em toda sua pluralidade de culturas, saberes e cenários são fonte de inspiração para ficções científicas e fantasias que reimaginam os territórios com a legitimidade literária de quem neles vive. No livro *Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do Amanhã* Diniz apresentou o conto *Os olhos dos cajueiros*. Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Gabriele:

1. A ficção científica, mais do que prever o futuro, tem o papel de comentar sobre temas atuais. O primeiro erro que eu vejo em obras de ficção científica é abrir mão desse papel e escrever uma obra completamente desconectada de questões do mundo real. Ou, então, escolher ignorar esse aspecto da própria obra, ao não se utilizar das questões que estão presentes e deixá-las passar sem comentário.

2. Não saber como utilizar referências a outras obras. Não raro vejo obras explicando diretamente as referências ao leitor, ou as utilizando de alguma forma que alguém que não saiba



a referência vai ficar confuso ao ler a história. Referências são legais, mas precisam ser bem aplicadas para nem subestimar a inteligência do leitor, nem deixar quem não conhece a obra de referência sem entender nada.

3. De modo geral, subestimar a inteligência do leitor. Nem tudo precisa ser explicado tintim por tintim para o leitor captar a mensagem que está sendo passada.

4. Erros básicos sobre ciência. Se falando de ficção científica que se passa na Terra, no mundo humano (ou ao menos no nosso Universo mais ou menos como conhecemos), às vezes encontro alguns errinhos muito básicos sobre ciência que quebram muito a suspensão da descrença.

5. O último erro, mas não menos importante, é representatividade. Como imaginar um futuro que não tem pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, para citar alguns exemplos?

Gilson Cunha: escritor brasileiro, autor de *Onde Kombi Alguma Jamais Esteve – O Taura no Fim do Universo* e *A Mulher Que Chora* (Vencedores do Prêmio Argos). Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Cunha:

1. Ir nas *modinhas*. Ver qual é a tendência do momento e tentar surfar nela, mesmo que o subgênero ou estética não sejam parte do que ele ou ela se identifica. O texto pode soar falso e raso.

2. Não buscar sua própria linguagem. Se você escreve como fulana ou ciclano, pode até ser legal. Mas não é você. Será só mais um clone.

3. Tentar voar sem antes andar. Não se constrói uma série por exemplo, sem considerar uma complexidade de coisas, como os personagens e seu universo.

4. Querer impor seu estilo aos leitores. Achar que o autor deve "educar o leitor" para que ele ou ela perceba como a "obra é genial". Há gosto para tudo. Você não precisa agradar todo mundo.

5. Viver choramingando por não ser publicado em editora. Há vezes, muitas até, em que isso é uma benção. Ser independente é bom para exercitar seus instintos. E dá uma liberdade que você jamais terá na maioria das editoras.

Ivan Carlos Regina: escritor brasileiro de ficção científica e autor de treze livros, entre eles *O fruto maduro da civilização* e *O éter inconsútil*. Foi o criador, em 1988, do "Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira", um importante marco para o debate sobre a



identidade nacional na literatura fantástica. Segundo Carlos Regina, os cinco principais erros cometidos por escritores de ficção científica:

1. Fazer da narrativa um mural para seu proselitismo político. Não importa se suas convicções são de direita ou de esquerda, o texto não deve ser utilizado para catequese política, religiosa ou com qualquer finalidade didática. Embora existam diversas obras que abordem a política na FC, como as escritas por Norman Spinrad, Robert Heinlein e outros, há sempre que se manter a neutralidade e o equilíbrio opinativo dentro do discurso. Como paradigma do tema que foi abordado com extrema precisão eu recomendo a leitura de “*Os Despossuídos*”, de Úrsula K. Le Guin. Também “*O Sonho de Ferro*” de Norman Spinrad é ótimo e extremamente divertido.

2. Acreditar que a Ficção Científica é somente a “Hard”, ou seja, aquela que se utiliza de temas como máquinas, ciências exatas, engenharia, tecnologias e dispositivos. Este subgênero foi prevalecente até o início dos anos sessenta do século passado, quando emerge a F.C. dita “Soft”, que amplia seu campo cognitivo para áreas como sociologia, linguística, filosofia, exobiologia e outras ciências humanas. Como exemplo de F.C. Hard bem construída eu indico “*Encontro com Rama*”, de Arthur C. Clarke, uma verdadeira aula mestra. No âmbito da F.C. Soft “Um estranho numa terra estranha”, de Robert Heinlein, autor que conseguiu colocar bem os pés nestas duas canoas. André Carneiro é um bom exemplo brasileiro. Também interessante é “*The Embedding*”, de Ian Watson, em que parte da ação se passa no Brasil. Na falta deste substitua por “Babel 17”, de Samuel R. Delany, obra recentemente lançada em português. Também recomendo “*O Novo Adão*”, de Stanley G. Weinbaum, que une filosofia e arte.

3. Crer que a Ficção Científica é um gênero sério e tratá-lo com severidade excessiva. Tem autor que pensa que só recheando o texto com palavras científicas já estará cumprindo o script de escrever boa ficção científica. Nada mais errado. Longas explicações pseudo-científicas ou didáticas só conseguem aborrecer o leitor e fazê-lo se afastar da leitura, que, antes de tudo, deve ser fonte óbvia de prazer. A grande maioria dos autores clássicos do gênero aspergia sobre o conteúdo de seus textos, gotas de humor e ironia, seja em suas obras sérias, como nas cômicas, paródias ou sátiras. Posso citar, por exemplo, Robert Sheckley, Richard Matheson, Frederic Brown, e até mesmo dentro da densa neblina psicológica das tramas de Phillip K. Dick há sempre uma pitada de humor. Durante minha carreira de escritor, e como brasileiro que sou e, portanto herdeiro do legado de Oswald de Andrade, eu procurei incorporar



o conto piada como ferramenta de crítica social, o que em curto prazo foi pouco compreendido, mas que tardiamente gerou frutos que agora aprecio.

4. Ausência de verossimilhança e ausência de senso de maravilhamento. Sobre o primeiro é muito comum encontrarmos textos nos quais o autor não respeita sua verossimilhança interna, traíndo o leitor. Não existe mais definitivo do que trair a confiança de um leitor. Este coitado acredita em tudo, como vermes gigantesco de areia (como em *Dune*, de Frank Herbert) até mulheres inseminadas por alienígenas (como em *Aldeia dos Malditos*, de John Wyndham), mas não ouse desrespeitar a própria estrutura lógica de seu texto, pois neste caso você o perderá para sempre. Também acredito que a boa F.C. causa em seu leitor um delírio de maravilhamento, algo que nos faz pensar – Puxa, como seria interessante um mundo assim, uma história assim, viver assim. Cito especialmente “*A Crystal Age*”, de William Henry Hudson, “*Hothouse*” de Brian Aldiss, e “*Mundo do Rio*” e a série “*The Pocket Universe*” de Philip José Farmer como os exemplos mais acabados de livros que, uma vez lidos, jamais se afastam de nossa mente.

5. Escrever com a cabeça sem olhar para seus pés. Este sem dúvida é o mais recorrente dos erros. Novos autores crêem que podem (e até podem, mas não devem) escrever sobre coisas das quais nunca tiveram vivência. Desprezar seu passado individual e cultural na hora de escrever é como arrojá-lo na lata de lixo tudo o que de bom você tem a oferecer. Lembre-se, nenhuma árvore pode sobreviver sem as suas raízes. Colocar na ponte de comando nomes anglófonos não faz o seu texto melhor, antes o descaracteriza. Beba de suas memórias. Kurt Vonnegut escreveu “*Matadouro Cinco*” porque ele realmente esteve no bombardeio de saturação de Dresden na Segunda Guerra Mundial, assim como Mary Shelley estava ciente das novas e fantásticas descobertas de Galvani e Volta para escrever seu “*Frankstein*”. Nada mais londrino do que o ambiente de “*A Laranja Mecânica*”, de Anthony Burgess. Não tenha vergonha de seu solo, assim como Ivanir Calado, Roberto de Souza Causo, Carlos Orsi Martinho e eu não temos. Acredite que a humanidade reescreverá futuramente sua história. Assim, colocar na ponte de comando uma mulher servindo cafezinho não é apenas incorreto, é burrice mesmo. Todos os seres humanos, que possuem igual valor, convergirão para a luz. Procure ir de carona com eles.

Jana Bianchi: é escritora brasileira de fantasia e ficção científica, tradutora, editora-chefe da Revista Mafagafó e hostess do podcast Curta Ficção. Publicou a novela *Lobo de rua* (2016, Dame Blanche) e diversos contos em antologias e revistas. Também tem textos



publicados no mercado anglófono e na Itália. Os cinco erros mais comuns dos escritores de ficção científica, segundo Bianchi:

1. Focar só no elemento científico, não raro dando pouca atenção a conflitos internos e elementos políticos ou sociais. Sinto que é um erro típico de quem tem pouco contato com o gênero, em especial quem lê pouca ficção científica contemporânea — e é até irônico, já que a existência de bons conflitos internos e de elementos políticos e sociais é quase pré-requisito em grandes obras do gênero.

2. Encher a história de explicações desnecessárias. Acho que é um desdobramento do ponto anterior: na ânsia de colocar o elemento científico no centro da história (e talvez expor tudo o que pesquisou para escrever), a pessoa acaba estufando o texto de explicações que não têm propósito narrativo, ou que vêm em momentos inoportunos e quebram o ritmo de leitura. Como agravante, quanto mais explicações científicas são dadas, maior é a chance de se cometer uma inconsistência técnica.

3. Não pensar na coerência interna do universo, principalmente em histórias que se passam em futuros mais distantes. Vejo muitas pessoas que escrevem ficção científica tentando adivinhar o futuro em detalhes (o que é muito difícil, talvez impossível) em vez de definir um único elemento especulativo — que inclusive pode ser mais ou menos imaginativo ou verossímil — e cuidar de extrapolar todos os efeitos desse elemento no universo.

4. Resumir ficção científica a naves espaciais e robôs quando, na verdade, o gênero apresenta uma infinidade de subgêneros e possibilidades de elementos centrais. Inclusive, é muito comum que histórias em futuros próximos (como a série *Black Mirror* ou o livro *O círculo*), centradas em ciências biológicas (por exemplo, a franquia *Parque dos Dinossauros*) ou fundamentadas em ciências humanas (distopias em geral ou livros como *A mão esquerda da escuridão*) mal sejam reconhecidas como ficção científica pelo público geral.

5. Achar que a prosa não merece tanta atenção, uma vez que a trama já é um elemento naturalmente importante no gênero. A expressão do estilo e o foco na forma, porém, são constantes tanto em clássicos, como *Laranja mecânica* (Anthony Burgess), quanto em obras contemporâneas como os contos de Ted Chiang e a trilogia *A terra partida* de N. K. Jemisin.

João Barreiros: escritor português, autor de obras como *O caçador de brinquedos e outras histórias*, *Crazy Equóides* e *Terrarium: Um romance em mosaicos* (com Luís Filipe Silva). Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Barreiros:



1. Contarem, em vez de “mostrarem” o que se está a passar, sem uma ponta de densidade emocional. Escrever com a mais profunda ausência de emoção cenas violentas como essas que agora aparecem por aí sobre uma “carocha” a combater vampiros... insuportável.

2. Sobrecarregar o texto de dados históricos, políticos científicos que nada têm a ver com a narrativa, mas que pretendem mostrar os grandes conhecimentos do autor, como é o caso nos livros do Jules Verne. Praticar vezes sem conta o “*as you know Bob*”, como se o personagem principal não soubesse nada do que se passa à sua volta e fosse necessário explicá-lhe TUDO.

3. Estarem-se a borrifar para a veracidade científica, como ainda vi há pouco uma jovem autora aí no Brasil falar de “guerra intergaláctica”, só para fazer as coisas à grande, mesmo depois de eu lhe ter explicado que isso não seria necessário, pois existem 400 mil milhões de estrelas só na nossa Via Láctea.

4. Terminar em *happy ending* com o herói e heroína a desvanecerem-se no crepúsculo, sempre de mãos dadas. Terminar dizendo afinal era tudo um sonho. Colocar um adolescente ranhoso a derrubar de mãos nuas uma Ditadura Global. Colocar o herói (ou heroína) como super-macho que consegue em duas páginas ir para a cama com a bela(o) contracenante. Escrever ditaduras sobre mulheres negras e lésbicas oprimidas por machos hétero violadores.

5. Escrever um romance de 900 páginas onde só existe *palha, palha, palha...* O autor de *mainstream* armar-se a descobrir a roda quadrada quando tenta escrever um romance de pseudo FC, como tem acontecido em recentes best-sellers assim a modos do Ishiguro.

Jorge Candeias: escritor português, tradutor e entusiasta do gênero fantástico (como prova a criação da bibliowiki- projeto pioneiro que reúne a bibliografia de toda a ficção fantástica e obras conexas que foram sendo publicadas ao longo dos anos em língua portuguesa). Autor do romance *Por Vós lhe Mandarei Embaixadores* e de inúmeros contos e noveletas, participando de antologias emblemáticas como *Vaporpunk, Dieselpunk, Intempol e Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*. Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Candeias:

1. Achar que já se escreveu tudo sobre o tema “xis”. Se alguma qualidade teve *O Marciano* de Andy Weir, foi a de demonstrar que os temas mais batidos podem resultar em ficção científica fresca. Afinal, quantos livros já se tinham escrito sobre viagens a Marte antes do de Weir? Centenas. E no entanto, a FC, quando está atenta aos desenvolvimentos científicos contemporâneos, é capaz de lançar olhares sempre renovados sobre temas já muito explorados.



O motivo não é particularmente difícil de entender: a ciência evolui, o conhecimento cresce e, se isso tem por vezes o efeito de rapidamente tornar datada alguma FC, tem também o efeito complementar de permitir que histórias novas, feitas parcialmente com base em conhecimento novo, possam estar a atualizá-la em permanência. Isto não quer dizer, no entanto, que fazê-lo esteja isento de riscos. É muito comum, especialmente entre autores inexperientes no género, o regurgitar de velhas ideias sem fazê-las acompanhar de novidade suficiente para as refrescar... mas esta é armadilha bem conhecida dentro do género portanto preferi falar aqui da oposta.

2. Utilizar a extensão errada para contar as histórias. Uma história, e aqui tanto faz ser de FC ou não ser, embora as de FC tenham as suas peculiaridades muito próprias, uma história, dizia, pede, por vezes exige, uma certa extensão para ser bem contada. Por vezes requer um romance, por vezes um conto, por vezes uma série, por vezes uma novela, noveleta, miniconto, o que for. E é muito comum encontrar-se em autores pouco experientes, sobretudo quando escrevem para publicar em antologias ou outras publicações que predeterminam um certo limite de palavras, histórias que quase gritam para serem estendidas ou abreviadas. O resultado tende a não ser nada bom, nem para as próprias histórias, que por vezes poderiam tornar-se francamente interessantes se fossem contadas na extensão certa, nem para os autores ou para os leitores.

3. Achar que basta usar termos “científicos” para se estar a escrever FC. É que não basta, sabem? Usar termos de aspeto científico, palavreado técnico ou pseudotécnico, *tecnobabble*⁸, em suma, em particular quando salta à vista que o autor não faz a mais pequena ideia do significado das palavras ou ignora por completo como funcionam os fenómenos ou aparelhos que elas designam, tem uma certa tendência para tornar ridículas histórias que de outra forma até poderiam, por vezes, ser bastante interessantes. Certo, todos usamos por vezes o *tecnobabble* como instrumento auxiliar na construção dos nossos mundos ficcionais, mas quem sabe o que está a fazer esforça-se por que qualquer coisa que seja minimamente importante para a história que se está a contar tenha atrás de si alguma solidez científica, ou pelo menos uma tradição estabelecida no género. Há algumas exceções, claro, por exemplo autores que usam com ironia o mais pateta dos *tecnobabbles*, mas de uma forma geral o disparate científico é sinal claro de má FC. Pensando bem, isto é um caso especial do próximo erro. E o segundo destes erros também o é. Mas generalizemos agora:

⁸ O *tecnobabble*, também chamado *technospeak*, é uma forma de jargão que consiste em chavões, linguagem esotérica, termos técnicos especializados ou gírias técnicas que são impossíveis de entender para o ouvinte comum.



4. Pensar insuficientemente nas histórias. Uma história de FC precisa de ser bem pensada para sair boa. O tema principal tem de ser sólido e bem amarrado, as personagens, ou pelo menos os protagonistas, têm de ser credíveis no contexto da história e não faz mal nenhum, bem pelo contrário, que tenham também alguma tridimensionalidade, convém refletir bem sobre quanta informação de base é necessário fornecer ao leitor e como será melhor fornecê-la, evitando os erros mais comuns (o infodump em excesso, ou aquelas conversas em que as personagens explicam tintim por tintim umas às outras coisas que ambas sabem perfeitamente mas o leitor talvez não saiba, por aí fora... sendo que é possível fazer bem ambas estas coisas, mas isso é uma arte muito própria), o enredo, em especial na FC mais orientada para o lado hard do género, não pode ter erros lógicos evidentes (e não convém tê-los de todo, mesmo que não sejam evidentes), etc. Não é só ter uma ideia e toca a escrever. É ter uma ideia, revirá-la por todos os lados, procurar os buracos e tapar os que se encontrar, e arranjar a melhor maneira possível de a concretizar.

5. Achar que FC é literatura comercial. É um paradoxo que haja tanta gente convencida de que a FC é literatura comercial, tendo em conta o fraquíssimo sucesso comercial de que a FC se pode gabar. A sério: se querem sucesso comercial não escrevam FC, vão escrever autoajuda. Ora é em boa parte, parece-me, essa ideia de que a FC é literatura comercial que explica que haja tanta gente a julgar que para escrever FC não é preciso saber-se escrever, e/ou que basta aplicar uma fórmula qualquer e já está. OK, é verdade que na FC não erigimos nenhum pedestal à pureza álgida da palavra (até porque esta tende a ser... bem... álgida), dando tradicionalmente mais importância ao conteúdo do que à forma, mas isso não significa que a forma seja irrelevante e há a prová-lo um imenso catálogo de obras de FC em que a forma contribui decisivamente para elevar o conteúdo a um patamar que sem ela nunca atingiria. Vou dar só um exemplo entre muitos possíveis: *Flores para Algernon*. Por acaso, ou talvez não (de certeza que não), tendem a ser essas as melhores. De novo, também aqui há exceções — quando o conteúdo é extraordinário, que se lixe a forma. Mas, convenhamos, quantos de nós temos a capacidade efabulatória de um Philip K. Dick? Poucos? Nenhum?

Lady Sybylla: brasileira, geógrafa, professora e mestra em Paleontologia. Também é escritora e criadora do Momentum Saga, um blog que divulga o universo da ficção científica de maneira inclusiva, respeitando a diversidade da produção nessa área. Organizou, junto da também escritora Aline Valek, *Universo Desconstruído Volume 1* e *Universo Desconstruído Volume 2*, as primeiras coletâneas deste subgênero da ficção científica no Brasil. Participou de



publicações importantes, como a multipremiada coletânea *Fractais Tropicais*, da SESI-SP Editora. Muitos de seus contos e noveletas encontram-se disponíveis na Amazon. Os cinco erros mais comuns dos autores de ficção científica, segundo Sybylla:

1. Imitar os clássicos: todo mundo começa a escrever imitando algum trabalho ou autor. Mas até você encontrar sua própria voz, a imitação é apenas um exercício de escrita.

2. Só ter homens brancos, cisgêneros e heterossexuais no enredo: a menos que uma guerra gênica e étnica tenha matado todas as outras pessoas no mundo, não tem motivo para o seu enredo só ter macho branco.

3. Objetificação feminina: não descreva sua personagem feminina de maneira sensual. Acredite quando eu digo, mulher nenhuma se olha no espelho depois do banho e empina bundinha, nem compara o tamanho dos peitos com o das amigas. Mulheres são pessoas, então descreva-as como tais, não como se avaliasse uma *peça de carne no açougue*.

4. Não fazer pesquisa: pesquisa é a base para todo mundo que escreve. Deixar de pesquisar na hora de escrever é um dos maiores pecados que se pode cometer.

5. Ler pouco ou só ler os clássicos: não é que os clássicos não importam, mas se você quer publicar no presente momento tem que saber como anda o estado da arte. Ler é obrigação de todo mundo que escreve, escrita é secundário.

Lidia Zuin: escritora brasileira de ficção científica, jornalista, professora e futuróloga, mestre em semiótica e doutora em artes visuais pela Unicamp. Head do núcleo de inovação e futurismo da UP Lab, é pesquisadora, editora do blog e curadora de notícias do newsletter UP Future Sight. Autora de inúmeros contos, dentre eles a série cyberpunk *REQUI3M*. Os cinco erros mais comuns dos autores de ficção científica, segundo Zuin:

1. Excesso de referências a obras clássicas, seus personagens, nomes e termos mais específicos. A isso inclui tanto a literatura clássica luso-brasileira quanto mitologia grega, romana e nórdica.

2. Tentar passar "fanfic" como se fosse obra original. Apesar de ser praticamente impossível contar histórias novas, existem alguns casos em que é evidente a adaptação do enredo de outras obras com temas semelhantes.

3. Falta de cuidado com revisão e edição dos textos, principalmente no caso de autores independentes que se autopublicam ou no caso de editoras pequenas.

4. Excesso na hora de inserir sexo "supérfluo" na narrativa. Seja por descrever longamente o ato ou por "*pornificar*" tudo sem necessariamente estar querendo comunicar algo.



Uso de termos chulos que destoam do resto da narrativa com linguagem formal. Fetichização do outro com foco em identidade de gênero, raça, religião etc, mesmo que "maquiado" como raça alienígena ou qualquer outra criatura fantástica/especulativa.

5. Escrever como se estivesse transcrevendo uma partida de RPG e se prender aos tropos do gênero.

Lu Ain-Zaila: Luciene Marcelino Ernesto, mais conhecida como Lu Ain-Zaila, é pedagoga e escritora negra de ficção científica e literatura afrofuturista. É autora da Duologia *Brasil 2408*, composta pelos romances *In) Verdades* e *(R) Evolução*; do livro de contos *Sankofia: breves histórias afrofuturistas* e mais recentemente, da novela cyberpunk *Íségún*. Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Lu Ain-Zaila:

1. Acho difícil demais confundir a linguagem das personagens com a da narrativa em terceira pessoa. As personagens acabam falando um português que não tem explicação no mundo real. Literatura não é dicionário, vejo isso como uma quebra de sintonia, como se algo estivesse muito fora do lugar.

2. Americanizada... essa é uma questão que nem dá para comentar pela obviedade, uma escrita em português que é de outro lugar em geografia e narrativa. Não há muito o que dizer, mas fico pensando em outras literaturas, outros países onde no espaço ou num planeta os nomes e algumas características reelaboradas são do país de origem.

3. FC que exagera na ciência e não deixa uma explicação como se todo o leitor tivesse a obrigação de entender é difícil de levar adiante. A sensação que fica é a de que precisa ter um nível de conhecimento antes de seguir adiante. Existem recursos para burlar algum possível entrave, então deveria ser usado.

4. Esse não é um apontamento de erro. Sinto falta de mais escrita feminina, diversa. Não duvido que o motivo, dentre outros, seja o excesso de sujeitos acreditando que tem poder de ditar como isso é e aquilo também. Moças, pessoal do *todes*, nem O ou A, digam dane-se e escrevam, pois a FC está carecendo de perspectivas outras.

5. E por falar em perspectiva, sempre acho curioso o distanciamento da realidade brasileira, dos lugares, culturas como se FC não pudesse dialogar com o que está aí, reinventar as possibilidades; Não se passar no nordeste, norte, centro oeste, mas óbvio que falo de escritas vindas de lá e não brancas também. Sinto falta dessas mãos crendo que podem escrever FC; E FC que não é ciência e tecnologia apenas, ela pode contestar, pensar, ter dúvidas. Sempre me causa espanto imaginarem que personagens br são estranhos à tecnologia e ciência, temas e



contextos brasileiros, IA não existe aqui? Num país que exporta cérebros criativos saídos de todo o país. Qual o sentido de uma FC que não lida com a possibilidade de ousar?

Luís Filipe Silva: escritor português de ficção científica. Autor de *O Futuro à Janela* (Prêmio Caminho de Ficção Científica), *Terrarium - Um Romance em Mosaicos* (com João Barreiros), além de vários contos, críticas e artigos em publicações portuguesas, brasileiras e internacionais. Como antologista, organizou *Vaporpunk - Relatos Steampunk Publicados sob as Ordens de Suas Majestades* (com Gerson Lodi-Ribeiro) e *Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa* (com Luís Corte Real). *A GalxMente* foi o seu primeiro romance, publicado inicialmente em dois volumes: “Cidade da Carne” e “Vinganças”. Os cinco erros mais comuns dos escritores de ficção científica, segundo Silva:

1. Não procure divergências apenas nos grandes acontecimentos históricos. Os grandes acontecimentos são muito comuns entre as várias Terras (por exemplo, é rara a linha temporal em que a Terceira Guerra Mundial não tenha sucedido). Atente às pequenas diferenças, em particular durante a última década. Faça as perguntas mais óbvias. As pessoas tatuam sânscrito na dobra da orelha direita? Há uma noite por ano em que todos os crimes são perdoados? Os bairros têm a forma de favos de colmeia? Adeque os seus textos aos costumes do mundo em questão, para não se equivocar e escrever História Alternativa, julgando que seria História factual.

2. Atenção para não descrever o futuro mesmo antes de acontecer. Cuidado, não se denuncie! Ambiente-se primeiro ao ritmo dos desenvolvimentos da época em que desembarcou. Investigue o estado das tecnologias, antes de as incluir em suas histórias. Fale do motor de combustão apenas se não o houver ainda extração do petróleo, descreva a telepatia se a técnica da transumância não for ensinada nas escolas, cogite sobre a projeção astral se ainda ninguém usar *implantes animamissores*⁹. Assegure que há um grande distanciamento entre a possibilidade real e sua "especulação", para que ninguém pense que você obteve segredos de forma ilícita. Recorde sempre o exemplo dos autores malogrados que falaram da pandemia logo antes de acontecer.

⁹ Termo inventado em obra de ficção científica. “Anima” vem do latim *animāre* e significa “dar vida a” alguma coisa. “Transmissor” é algo capaz de enviar para além, de passar, transportar; pode ser também um equipamento que transmite sinais elétricos, telefônicos, radiofônicos ou televisivos.



3. Evite incluir frases hipnagógicas¹⁰ de elevado impacto. Está demonstrado que as populações das colônias humanas apresentam sensibilidades muito diferentes a mensagens subliminares — particularmente as que habitam em planetas tão isolados que já esqueceram a sua condição colonial. Sabia que um único livro sobre adolescentes voadores causou o suicídio de quase toda uma geração ao convencê-los que tinham iguais poderes? Ouviu falar daquela seita de seguidores que entrou em greve de fome quando o autor se atrasou a publicar o volume seguinte da saga? Ou da família que realmente acreditou ser possível uma jangada de pedra funcionar?

4. Aconteça o que acontecer, jamais teleporte os outros para dimensões sem retorno — mesmo se estes forem críticos que fizeram resenhas devastadoras dos seus livros.

5. Não troque diversão por perfeccionismo. Pertence a um povo de imortais com memória infinita? Você passa décadas ou séculos aprimorando a sua obra, para corresponder às impossíveis exigências de tais leitores? Ingresse num aprendizado literário de uma realidade básica. Não só estes humanos têm vida curta, como acolhem variações discretas das mesmas histórias como se fossem obras primas. Aproveite para relaxar e descontraír durante meio milênio!

Luiz Bras: é o autor da matéria original que propôs o debate dos “cinco erros”. É ficcionista, ensaísta e coordenador de ateliês de criação literária. Já publicou diversos livros, entre eles *Distrito federal*, *Anacrônicos* e *Não chore e Máquina Macunaíma*. Também organizou os três volumes da coletânea de poemas *Hiperconexões: realidade expandida*, sobre nosso futuro pós-humano. Em relação à proposta original de seu artigo publicado no jornal *Rascunho*, sua lista de erros apresenta um pequeno desvio. Primeiro, a divisão em dois grupos: *literatura-artesanato* — cujas obras seguem as regras de uma tradição, respeitando o horizonte de expectativas dos leitores - e *literatura-arte* - cujas obras criam as próprias regras, desorganizando o horizonte de expectativas dos leitores (seu argumento em favor dessa divisão se encontra num artigo¹¹ do jornal *Rascunho* nº 235 e no e-book *Bangue-bangue de bolso*). Assim, há uma lista de erros para cada grupo. A segunda diferença: são erros cometidos tanto

¹⁰ Hipnagogia é um estado diferenciado de consciência que surge na transição entre a vigília física e o sono, caracterizado pela semiconsciência e pelo surgimento de imagens e sons na tela mental (nesse estado, as imagens correspondentes podem ser nítidas e vivas, sugerindo a realidade). O termo vem do grego *hypnos* (sono) + *agogôs* (induzido) e foi originalmente cunhado em forma adjetiva como “hipnagógicas” por Alfred Maury em 1848 na obra “Des Hallucinations Hypnagogiques”.

¹¹ O artigo pode ser lido *on-line* aqui: https://paisagempersonas.wixsite.com/atelie/literatura-artesanato-literatura-ar?fbclid=IwAR04FEiYh-XpRumSFcrMB3DoKy2LjBuXxghO8XxApd_7jdvr9hTHsmJws



por escritores do *mainstream* que eventualmente decidem escrever uma obra de ficção científica como também por aqueles que escrevem apenas ficção científica. Quais são os cinco erros mais comuns que os escritores cometem ao escrever ficção científica, segundo Bras:

Se estiver escrevendo *literatura-artesanato*:

1. Enredo banal, nada surpreendente. > Esse é o deslize mais frustrante de qualquer obra fundada no enredo: a falta de criatividade. De originalidade. Enredos chochos. Ou já vistos. Sem perceber, por escassez de conhecimento, o escritor de pouco repertório cultural acaba repetindo premissas e às vezes enredos inteiros de outros livros, ou de filmes, séries, quadrinhos e games, acreditando estar escrevendo algo novo.

2. Narrador infantilizado. > Aqui está, senhoras e senhores, a maior praga dos tempos atuais: ficções para o público adulto narradas por uma voz infantilizada, pouco amadurecida. Somente os leitores adultos igualmente infantilizados caem nesse golpe. Cresçam, crianças!

3. Personagens estereotipados. > É certo que a literatura-artesanato trabalha com tipos pré-formatados, de fácil reconhecimento, mas atualmente o que mais se encontra são os estereótipos ridículos. Principalmente os estereótipos ridículos importados do audiovisual. Acreditem: no campo da ficção científica, o cinema, a tevê e os games fazem muito mal pra literatura. Não têm quase nada a ensinar aos escritores. Na competição das mídias, a melhor FC ainda é a FC literária.

4. Diálogos mal construídos. > De modo geral, os escritores de ficção científica não sabem construir diálogos verossímeis e surpreendentes. Os personagens, em vez de conversarem, parecem estar lendo um roteiro preparado por um escritório de contabilidade. Ou por uma equipe de marketing. Nesse quesito o pessoal da literatura policial costuma se sair melhor.

5. Excesso de *infodumps*. > Outra praga da ficção científica do tipo literatura-artesanato. No desejo desesperado de consolidar um novo mundo cheio de novas tecnologias, o escritor despeja nos pobres leitores (pela boca do narrador ou pela boca dos personagens) toneladas de maçante informação técnica. *Infodumps* bem-humorados, satíricos, aloprados, são até suportáveis. Mas *infodumps* sisudos, aborrecidos e protocolares... Tenham dó.

Bônus: Má compreensão da tradição. > Podemos colocar do seguinte modo: na literatura-artesanato, a tradição é sempre maior que o autor. Mas seguir a tradição da space opera, da distopia, do cyberpunk ou do steampunk, da viagem no tempo, do pós-apocalipse, da invasão alienígena etc. não significa reverenciar e imitar cegamente os clássicos que iniciaram e consolidaram esses gêneros. Significa entender também o método, não apenas os resultados.



Entender o que havia de novidade (ouso dizer: de revolucionário) nas obras que, tempos depois, seriam assimiladas e canonizadas (ouso dizer: neutralizadas) pela indústria cultural.

Se estiver escrevendo *literatura-arte*:

1. Linguagem banal, nada surpreendente. > O campo mais selvagem da literatura-arte é a linguagem. Quanto mais distante da linguagem do cotidiano (denotativa, referencial, transparente), melhor. A regra é: menos jornalismo e mais poesia. Menos entretenimento e mais provocação.

2. Narrador-repórter, do tipo explica-tudo. > Um dos grandes desafios do escritor de ficção científica é criar um mistério que valha a pena. Quanto mais intrigante e complexo o mistério, melhor. Esclarecer o mistério, no final da história, não é muito importante – às vezes, é desnecessário. É por isso que o narrador do tipo explica-tudo, jornalístico, não passa de um tagarela inconveniente. Já dizia Mallarmé¹²: a arte deve evocar e não nomear, sugerir e não descrever.

3. Personagens superficiais. > A literatura-arte não trabalha com tipos e modelos prontos, mas apenas com a busca de representações originais. Repetir o *blablablá* do senso comum de que “*hoje em dia a originalidade é impossível*” não é nada aceitável, neste campo. Se quiser fazer arte, o escritor precisa usar todas as suas ferramentas na elaboração de personagens que pareçam profundos e complexos de um jeito novo. Ou seja, que pareçam vivos. Ou seja, originais.

4. Conservadorismo estético. > O problema dos conservadores é achar que é possível congelar no tempo qualquer doutrina filosófica, política, científica, religiosa, artística ou literária. A única constante da vida é a transformação. “*Make it new*”, continua gritando o fantasma daquele maluco de Hailey¹³, autor de *Os cantos*.

5. Apego excessivo à correção política e à opinião pública. > Pra não ofender quem quer que seja (pessoas específicas ou grupos sociais), o escritor acostumado a controlar seu impulso criativo ainda não entendeu que a arte jamais esteve ou estará sujeita às leis éticas e morais, a códigos civis e penais. “*A lei universal da arte é que na arte não há outra lei senão o critério de êxito artístico*” (Luigi Pareyson¹⁴). Se o limite de velocidade é cem por hora, o autor e a obra precisam estar a cento e cinquenta, a duzentos... Arte é sempre transgressão de normas e expectativas. Ponto final.

¹² Stéphane Mallarmé, cujo verdadeiro nome era Étienne Mallarmé, foi um poeta e crítico literário francês.

¹³ Referência a Ezra Pound (nascido em Hailey), autor de "Os cantos", poeta e crítico literário americano que, junto com T. S. Eliot, foram as maiores figuras do movimento modernista do início do século XX.

¹⁴ Luigi Pareyson foi um filósofo italiano do século XX.



Bônus: Subserviência à tradição. > Isso é inaceitável. Mesmo quando finge ser a favor, a literatura-arte precisa ser contrária à tradição – sempre. Quando escreve uma space opera, uma distopia, uma ficção *cyberpunk* ou *steampunk*, de viagem no tempo, pós-apocalíptica, de invasão alienígena etc., o bom escritor de ficção científica do tipo literatura-arte sempre subverte as regras desses gêneros. Podemos colocar do seguinte modo: na literatura-arte, o autor ambiciona ser maior que a tradição, iniciando outra mais de acordo com os novos tempos.

Luiz Felipe Vasques: é designer gráfico por formação, escritor e fã de Ficção-Científica. Organizou antologias como *Monstros Gigantes – Kaiju* (com Daniel Russell Ribas), em que também participou com o conto *O último caçador branco*. Contribuiu com diversas coletâneas, como *O livro Duendes: Contos Sombrios De Reinos Invisíveis*, com o conto *A Menina Feia*. Participa da organização dos prêmios de literatura fantástica Argos e LeBlanc. Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Vasques:

1. Ausência de pesquisa: autores que parecem não se importar em pesquisar sobre o que estão escrevendo. Isso já é ruim se estamos falando de uma história cotidiana, que dirá alguma que precisa de um mínimo de leitura orientada sobre um dado assunto: da superfície de países a eventos históricos, compreensão de leis da Física (antes de quebrá-las...), etc. É como se quem escrevesse desse de ombros, “*é tudo mentirinha, mesmo*”, mal sabendo que, ao não respeitar a própria história, dificilmente será o leitor a fazê-lo.

2. Sob um certo aspecto, é o oposto do 1., sendo ainda sobre pesquisa: o autor ter feito uma bela pesquisa, entusiasmar-se com ela ao ponto de querer mostrar que maneiro tudo aquilo é para o leitor, ao custo da magia da história sendo contada. Ao mesmo tempo, há quem aparentemente goste de soltar um bombardeio contínuo de nomes históricos ao longo de um parágrafo, em um cansativo e dúbio desfile de erudição – seja como for, lembrem-se, crianças: pesquisa não substitui a história.

3. Há um engano no que se refere à “literatura adulta”. Na ânsia de fugir da pecha quase automática de “literatura juvenil” dada pela crítica literária, autores de ficção científica por vezes capricham em cenas de sexo, *just because*. Desculpe, isso não é fazer literatura adulta, é ganhar um selo de “18+” e, no processo, perder a chance de ser escolhido como paradigmático, por exemplo. De restringir um público potencial. Não geram nada significativo, em termos de uma história madura. É só apelação.

4+. O que me faz lembrar: amadorismo. Amadorismo de autores, amadorismo de editores – aliás, arriscando-me a sair do assunto, pior do que o profissionalismo de quem



escreve FCB é o profissionalismo dos editores de FCB. As honrosas exceções são exatamente isso.

Esse erro 4º é tão grande, penso, que é desdobrável no 5º e em tantos outros, sendo injusto deixar somente na alçada de escritores ou editores. Há autores, não uma escola de influências, ou escolas, de FCB, primeiramente agrupáveis em momentos pontuados na História conhecido como Ondas da FCB. Mas são eventos isolados, ou quase de todo, com aquela sensação de se estar sempre reinventando a roda a cada pouco tempo. No geral, costumo dizer que o fandom não conhece o próprio fandom. Acho perfeitamente provável que, se amanhã uma de nossas *majors* lançar um escritor de FCB que obtenha grande sucesso (ou literatura fantástica no geral), que ele possa ser alguém que nunca ouviu falar de ninguém que esteve ou esteja por aí, nas mesmas trincheiras. Ao mesmo tempo, nossas convenções são isoladas e irregulares, nossas revistas de contos são poucas, as redes de distribuição de impressos ou online são problemáticas, e até onde sei há pouquíssimas pesquisas a respeito de quem é o nosso público consumidor. Não há método na FCB: apenas diletantismo.

Ricardo Celestino: é escritor brasileiro de ficção científica, professor e doutor em Língua Portuguesa. Autor do livro *Até que a brisa da manhã necrose teu sistema*, um romance de ficção futurista em que faz uso de uma transgressora linguagem experimental. Os cinco erros mais comuns entre autores de ficção científica, segundo Celestino:

1. Esquecer que a Ficção Científica Brasileira é uma ferramenta para refletir como a tecnologia impacta as formas de vida em nossa contemporaneidade.

2. Tomar como regra que a Ficção Científica estrangeira direciona a produção nacional. Na minha opinião, ela serve como um guia a mais para ficcionalizarmos nossa realidade circunstancial.

3. Ter a audácia de achar que conseguirá criar todas as regras e rotinas daquela nova tecnologia, daquele novo mundo, imaginando que autoras e autores canônicos também tenham resposta para todas as rotinas de seus mundos imaginados.

4. Deixar de dar atenção para leituras da não ficção. Artigos sobre ciência e tecnologia, livros de filosofia, ensaios literários sobre barroco e neobarroco me auxiliam muito a encontrar caminhos para minha escrita. Atualmente, estou lendo sobre a vida de Eike Batista, pensando que a história do grupo X possa ter um potencial para a escrita criativa.



5. Achar que outras atividades de sua vida não estejam diretamente relacionadas a sua escrita criativa. Meu universo de pesquisa e de sala de aula converge para aquilo que eu escrevo direta e indiretamente.

Wlange Keindé: é escritora, socióloga, mestranda em Letras e criadora do Ficçomos, canal no YouTube com foco na arte de contar histórias. Autora do livro de sociologia da literatura *A criação do escritor: processos de caracterização de identidade do autor brasileiro contemporâneo* e de outros livros de ficção, como *Ao nosso herói, um tiro no peito*, vencedor do prêmio Wattys do Wattpad. Os cinco erros mais comuns dos autores de ficção científica, segundo Keindé:

1. Excesso de informações desnecessárias sobre o universo do livro (infodump). É legal criar universos detalhados, mas nem todos esses detalhes têm uma importância real na história. Nem tudo que o autor imagina precisa estar no livro, porque existe o risco de o leitor se cansar. A exposição do universo é importante, mas o enredo e os personagens, na maioria das vezes, são mais importantes ainda.

2. Falta de referências de outros gêneros. Acredito que os bons escritores leem de tudo, não se limitam ao gênero que escrevem. Dá para perceber quando uma obra de ficção científica é uma imitação de outras obras clássicas do gênero, e isso acontece quando o autor limita suas referências. Conhecer de tudo é ter mais ferramentas com as quais trabalhar.

3. Obras futuristas em que homens brancos cisgêneros e heterossexuais ainda dominam a grande maioria dos cargos importantes. O machismo, o racismo e a LGBTQfobia são sim problemas da nossa sociedade, mas, se é possível imaginar futuros em que naves e expedições espaciais são comuns, por que não seria possível imaginar um futuro em que esses problemas sociais foram resolvidos ou, pelo menos, minimizados? Até porque, ao longo da história, mulheres, negros e LGBTQs já conquistaram bastante espaço, direitos e visibilidade.

4. Falta de pesquisa sobre a ciência atual. Nem toda a tecnologia de um livro de ficção científica precisa ser inventada, porque, hoje em dia, já existem muitas coisas que encaramos como "especulativas". Pesquisar sobre a tecnologia já existente pode ajudar os escritores a tornarem suas obras de *sci-fi* mais críveis e interessantes.

5. Erros comuns a qualquer gênero também podem ocorrer na ficção científica. Exemplos: personagens mal desenvolvidos, conflitos fracos, diálogos inverossímeis etc.

REFERÊNCIAS



ASIMOV, Isaac. *No Mundo da Ficção Científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

KONDER, Leandro. *O Que é Dialética*. São Paulo: Editora Brasiliense. 2008

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção Científica*. São Paulo: Brasiliense. 1986 (Coleção Primeiros Passos, volume 169)

VENTURINI, Tommaso. 2012. *Building on faults: how to represent controversies with digital methods*. *Public Understanding of Science*, n. 21, p. 796-812, 2012. Acesso em: 23 mai. 2021: https://www.researchgate.net/publication/247157266_Building_on_faults_How_to_represent_controversies_with_digital_methods

REVISTA ABUSÕES, n. 11 v. 11 ano 06. 2020. *Entrevista com M. Elizabeth Ginway*, por Roberto de Sousa Causo (pesquisador independente). Acesso em 13 de maio de 2021: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/50528>

JORNAL RASCUNHO. n. 115, de novembro de 2009, página 14. Acesso em: 13 mai. 2021: <https://docplayer.com.br/68552087-O-que-deu-para-fazer-em-materia-de-historia-de-amor-trecho-de-romance-de-elvira-vigna-28-rascunho-o-jornal-de-literatura-do-brasil.html>